



### SONAMBULISMO, ÊXTASE E DUPLA VISTA

Em roteiros anteriores estudamos a emancipação da alma que se observa durante o sono natural, bem como, nos estados letárgico e cataléptico.

Mas, ela ocorre ainda em muitos outros, notadamente naqueles a que se convencionou chamar sonambulismo e êxtase, e também no singular fenômeno da dupla vista. Estudaremos os três últimos fenômenos, a seguir:

**SONAMBULISMO** - O que caracteriza este estado é que nele o indivíduo, embora dormindo, se movimenta e procede como se estivesse acordado. Levanta-se, caminha e pratica atos próprios de sua vida habitual com absoluta segurança e perfeição. Caracteriza-se ainda por perder o sonâmbulo, ao acordar, a lembrança do que fez dormindo. Gabriel Delanne, em sua obra *O Espiritismo Perante a Ciência*, refere “(...) a história de um jovem padre que se levantava todas as noites, ia à escrivaninha, compunha sermões e tornava a deitar. (...)”

(...) Quando ele terminava uma página, lia-a alto, de principio a fim. (Se se pode chamar leitura esta ação sem o concurso dos olhos). (...)” (11)

Que o padre não via nem lia com o auxílio dos olhos ficou provado por alguns de seus amigos que, querendo verificar se ele de fato dormia, puseram-se a vigiá-lo e, numa certa noite em que ele se levantara e estava escrevendo, interpuseram entre seus olhos e o papel um grosso cartão, o que o não impediu de continuar escrevendo, nem de ler depois tudo o que escrevera. O que acontece, pois, no sonambulismo, analogamente ao que ocorre no sono comum, é que o Espírito do sonâmbulo se desprende, sua alma se emancipa e passa a ver com os olhos do Espírito; com a particularidade de que, embora fora dele, continua exercendo uma força sobre o corpo caído em repouso, e que se manifesta por uma ação diretora totalmente por fora dos sentidos corporais, isto é, a alma vela enquanto o corpo dorme. E o faz com grande segurança, como provam os fatos — relatados por vários autores — de sonâmbulos que sobem a telhados, andam beirando precipícios, sem se acidentarem; outros que praticam atos profissionais, que exigem delicadas manipulações técnicas e sólidos conhecimentos científicos. O fato seguinte é muito interessante, extraído da obra citada de Gabriel Delanne: Um farmacêutico, da Pavia, durante o sono levantava-se todas as noites e ia ao laboratório de sua farmácia continuar o preparo de receitas não acabadas durante o dia. Nesse labor noturno acendia fornos, preparava alambiques, retortas, vasos, manjava tubos de ensaio, tudo com a maior prudência e perícia e sem que nunca lhe acontecesse qualquer acidente. As receitas, mandadas pelos médicos e não preparadas, buscava-as na gaveta fechada onde estavam, abria-a, colocava as receitas na mesa, empilhava-as e procedia uma a uma ao preparo das mesmas. Tomava a balança de precisão, escolhia os pesos e pesava com exatidão farmacêutica as doses mínimas das substâncias, que triturava, misturando-as com veículos adequados e punha-as em frascos ou pequenos pacotes, conforme a sua natureza, colocava os rótulos e dispunha tudo nas prateleiras, em ordem, a fim de serem entregues aos clientes. (12)

Como explicar, perguntamos, que esse homem fizesse tudo isso dormindo, de olhos fechados, lendo as receitas e executando-as com a maior precisão, senão admitindo-se que era sua alma emancipada que lia, fora do corpo, com a visão do Espírito, como também era ela que dirigia as mãos em todas as manipulações feitas? O mais espantoso ainda, e que dá vigoroso reforço a esta tese, é que o sonâmbulo pensa e raciocina claramente, ao agir em estado de desprendimento, conforme explicação dada pelo Dr. Esquirol, e reproduzido na citada obra de Gabriel Delanne: “(...) um farmacêutico se levantava todas as noites e preparava as poções cujas fórmulas se encontravam na mesa. Para verificar se havia discernimento por parte do do sonâmbulo, ou apenas movimentos automáticos, um médico colocou no balcão a nota seguinte:

Sublimado corrosivo 2 oitavas  
Água destilada 4 onças  
Para tomar de uma vez.

O farmacêutico levantou-se durante o sono e, como de hábito desceu ao seu laboratório; apanhou a receita, leu-a várias vezes, pareceu muito espantado e entabulou o seguinte monólogo, que o autor da narrativa, oculto no laboratório, escreveu palavra por palavra:

— É impossível que o doutor não se tenha enganado nesta fórmula; 2 grãos seriam bastantes; mas há aqui visivelmente escrito 2 oitavas, que são mais de 150 grãos. Isto é mais do que suficiente para envenenar 20 pessoas. Ele enganou-se indubitavelmente. Não preparo esta poção.

O sonâmbulo tomou em seguida, diversas prescrições que estavam na mesa, preparou-as, rotulou-as e colocou-as em ordem para serem entregues no dia seguinte. (...)” (12)

Esse fato mostra de modo exuberante que durante o estado de sonambulismo a alma do sonâmbulo vela com a mais ampla lucidez.

Nos fatos do sonambulismo tem-se, pois, a mais evidente prova da existência da alma humana como ser independente, causa real de todas as atividades psicológicas do homem; em suma, da alma humana como Espírito encarnado, para o qual o corpo físico é apenas o instrumento para as suas relações com o mundo material.

Teria o sonambulismo natural alguma relação com os sonhos? (01)

Segundo os Espíritos da Codificação “(...) É um estado de independência do Espírito, mais completo do que no sonho, estado em que maior amplitude adquirem suas faculdades. A alma tem então percepções de que não dispõe no sonho, que é um estado de sonambulismo imperfeito (...)” (01)

Todos os fatos e considerações feitas até aqui se referem ao sonambulismo natural; isto é, àquele que se manifesta espontaneamente em alguns indivíduos. Há, porém, o sonambulismo induzido artificialmente, pelos magnetizadores, através do magnetismo animal. O sonambulismo magnético, como então é chamado, foi introduzido na França pelo médico austríaco Franz Anton Mesmer, atendendo a finalidades curadoras. Foi um dos discípulos de Mesmer, o Marquês de Puységur que descobriu o sonambulismo em indivíduos magnetizados. (13)

Apesar de os sonâmbulos enxergarem com os olhos da alma, nem sempre vêem tudo, podendo se enganar a respeito. Isto ocorre conforme nos falam os Espíritos Superiores, porque “(...) Primeiramente, aos Espíritos imperfeitos não é dado verem tudo e tudo saberem. (...). Depois quando unidos à matéria, não gozam de todas as suas faculdades de Espírito. (...)” (04)

É preciso considerar que os sonâmbulos podem entrar em relação com outros Espíritos “(...) que lhes transmitem o que devem dizer e suprem a incapacidade que denotam. Isto se verifica principalmente nas proscricões médicas. O Espírito do sonâmbulo vê o mal, outro lhe indica o remédio. (...)” (05)

Neste caso, agindo o sonâmbulo sob orientação de outros Espíritos, caracteriza-se uma ação mediúnica, porque ele (o sonâmbulo) é instrumento de outras inteligências. É passivo e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo revela um fato anímico quando exprime o seu próprio conhecimento, enquanto que o médium sonambúlico expressa o conhecimento de outrem. (10)

Com o passar do tempo, pesquisadores se dedicando ao estudo do sonambulismo descobriram que havia sonâmbulos lúcidos que liam através de corpos opacos; que postos em contacto com uma pessoa doente, não só viam os órgãos internos enfermos, como ainda manifestavam os mesmos sintomas mórbidos; que viam com outras partes do corpo; as mãos, a barriga etc., em suma, o que se chamou a transposição dos sentidos, mas que na verdade eram os sentidos da alma emancipada, em funcionamento. Enfim, sonâmbulos surgiram, pela ação magnética, que viam à distância, realizavam viagens, em que muitas vezes percebiam paisagens mais belas e admiráveis que as da Terra. O magnetismo deixou de ser um simples processo curativo e passou a ser também uma porta aberta para o que, então, se considerava como sobrenatural; tanto mais que muitos sonâmbulos percebiam também os Espíritos desencarnados, entravam em relação com eles e deles recebiam instruções morais e indicações terapêuticas, que transmitiam aos homens. Sob este aspecto, o sonambulismo foi verdadeiramente precursor do Espiritismo.

Vejamos agora o que se encontra em O Livro dos Espíritos.

“O chamado sonambulismo magnético tem alguma relação com o sonambulismo natural?”

“É a mesma coisa, com a diferença só de ser provocado.” (02)

“Qual a causa da clarividência sonambúlica?”

Já o dissemos: “É a alma que vê.” (03)

“Qual a origem das idéias inatas do sonâmbulo e como pode falar com exatidão de coisas que ignora quando desperto, de coisas que estão mesmo acima de sua capacidade intelectual?”

“É que o sonâmbulo possui mais conhecimentos do que os que lhe supões. Apenas, tais, conhecimentos dormitam, porque, por demasiado imperfeito, seu invólucro corporal não lhe consente rememorar-lo. Que é, afinal, um sonâmbulo? Espírito, como nós, e que se encontra encarnado na matéria para cumprir a sua missão, despertando dessa letargia quando cai em

estado sonambúlico. (...)” (05).

ÊXTASE — A ação magnética não se limita, como vimos, à produção de curas de enfermidades físicas. Seu alcance é muito maior, desatando os laços que prendem a alma ao corpo, favorecendo a sua penetração no mundo invisível. Mas há diversos graus no estado magnético, que vão dos mais leves estados de sono, passando pelo sonambulismo lúcido até um estado de quase total desprendimento da alma, que paira então em planos etéreos e felizes, estado esse que se chama êxtase. Consultemos, sobre o assunto, O Livro dos Espíritos:

“Que diferença há entre o êxtase e o sonambulismo?

O êxtase é um sonambulismo mais apurado. A alma do extático ainda é mais independente.” (06)

E Kardec acrescenta ainda sobre este palpitante assunto: “(...) No sonho e no sonambulismo, o Espírito anda em giro pelos mundos terrestres. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que, todavia, lhe seja lícito ultrapassar certos limites, porque, se os transpusesse totalmente, se partiriam os laços que o prendem ao corpo. Cerca-o, então, resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem, indefinível bem-estar o invade: goza antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que pousa um pé no limiar da eternidade. (...)” (08)

DUPLA VISTA — Posto que raro, há também, inteiramente fora de qualquer influência magnética casos em que certos indivíduos, em perfeito estado de vigília conseguem perceber, no instante mesmo em que ocorrem, cenas e fatos passados a distância. É o fenômeno da dupla vista.

Haveria, pois, alguma relação entre sonho, sonambulismo e o fenômeno de dupla vista?

“( .) Tudo isso é uma só coisa. O que se chama dupla vista é ainda resultado da libertação do Espírito, sem que o corpo seja adormecido. A dupla vista ou segunda vista é a vista da alma.” (07)

Como exemplos dessa faculdade são comumente citados os casos de Swedenborg que, em Estocolmo, assistiu e descreveu com precisão e em todo o seu desenvolvimento a um incêndio que ocorria em localidade muito distante, bem como o de Apollônio de Tyana que, estando a ensinar seus discípulos em praça pública, estes o viram de repente interromper-se, na atitude ansiosa de quem espera alguma grave ocorrência e em seguida anuncia o assassinato de Domiciano, que caía sob o punhal de um liberto.

\* \* \*

## FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. Da Emancipação da Alma. In:\_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio [de Janeiro]: FEB: 1994. Questão 425, pág. 231.
- 02 - Questão 426, pág. 232.
- 03 - Questão 428, pág. 232.
- 04 - Questão 430, pág. 233.
- 05 - Comentário à questão 431, págs. 233-234.
- 06 - Questão 439, pág. 235.
- 07 - Questão 447, pág. 237.
- 08 - Questão 455, pág. 243.
- 09 - Questão 455. pág. 244.
- 10 - Dos médiuns. In:\_. O Livro dos Médiuns. Trad. de Guillon Ribeiro. 61. ed. Rio de [Janeiro]: FEB, 1995. Item 172, pág. 215.
- 11 - DELANNE, Gabriel. O sonambulismo natural. In: . O Espiritismo Perante A Ciência. Trad. de Carlos Imbassahy. 2. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1993. Pág. 93.
- 12 - Págs. 93-98.
- 13 - MICHAELUS. In:\_. Magnetismo Espiritual. 5. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1989. Cap. 1. Págs. 08-10.
- 14 - DE PAULA, João Teixeira. Clarividência. In:\_. Dicionário Enciclopédico Ilustrado. 3. ed. BeIs, 1976. Págs. 42 -43